

NICHOLAS PHILLIPSON

ADAM SMITH  
UMA VIDA ILUMINADA



Texto



## ÍNDICE

Lista de Ilustrações .....	11
Agradecimentos .....	15
Prólogo .....	19
I. Infância em Kirkcaldy .....	29
II. Glasgow, a Universidade de Glasgow e o Iluminismo de Francis Hutcheson .....	49
III. Estudos privados – 1740-1746: Oxford e David Hume .....	89
IV. Primeira fase do Iluminismo de Edimburgo .....	109
V. Conferências de Adam Smith em Edimburgo: uma história conjetural .....	131
VI. Professor de Filosofia Moral em Glasgow – I. 1751-1759 ..	171
VII. <i>A Teoria dos Sentimentos Morais</i> e as Potências Comerciais Civilizadoras .....	195
VIII. Professor de Filosofia Moral em Glasgow II. 1759-1763 ...	221
IX. Adam Smith e o duque de Buccleuch na Europa – 1764-1766	249
X. Londres, Kirkcaldy e os Ingredientes de <i>A Riqueza das Nações</i> , 1766-1776 .....	275
XI. <i>A Riqueza das Nações</i> e o «Violentíssimo ataque» de Adam Smith «a todo o sistema comercial da Grã-Bretanha» .....	293
XII. A Morte de David Hume .....	323

XIII. Os Últimos anos em Edimburgo – 1778-1790 .....	345
Epílogo .....	373
Notas e Fontes .....	381
Referências Bibliográficas .....	411
Índice Remissivo .....	423

# I

## INFÂNCIA EM KIRKCALDY

Adam Smith nasceu, ou foi batizado, a 5 de junho de 1723 em Kirkcaldy, então, como agora, um porto pequeno e respeitável, pouco agradável, no estuário do rio Forth. Como aconteceria com muitos outros elementos da *intelligentsia* escocesa, a família de Adam Smith pertencia à classe média da sociedade escocesa. Seus pais tinham ambos origem na pequena burguesia com ligações aos tribunais, ao exército e ao mundo das repartições, do qual dependia a rotina da política e da vida pública do país. Adam Smith sênior, pai de Adam Smith, era claramente um homem com capacidades e alguma ambição. Batizado em 1679, pertencia à burguesia presbiteriana do Nordeste da Escócia. Recebeu formação em Leis em Aberdeen e em Edimburgo e cresceu no turbulento mundo da política escocesa, entre a Revolução Gloriosa de 1688 e o Ato da União de 1707. Foi uma época em que a Coroa e a nobreza escocesa se envolveram num extermínio mútuo pelo controlo da máquina do governo escocês, época em que a Igreja Presbiteriana Escocesa ficou dividida por disputas doutrinárias e eclesiológicas, em que o comércio escocês estava a ser deslocado devido à guerra internacional e à concorrência inglesa e em que todo o tecido da vida política

escocesa estava a ser perturbado por um modelo de relações anglo-escocês que rapidamente se deteriorou e pelos constantes (e totalmente injustificados) receios de que a independência política da Escócia fosse comprometida pelos ingleses. Em 1705, aos 26 anos, o pai de Adam Smith foi nomeado secretário do novo secretário de Estado, o conde de Loudon, um importante membro da nobreza presbiteriana. Dois anos mais tarde, foi nomeado oficial de Justiça do Tribunal Militar da Escócia, um cargo de alta responsabilidade que lhe terá proporcionado um contacto direto com questões de segurança e com a situação política do país numa altura em que o jacobinismo se generalizou e o futuro do Acordo da Revolução e da sucessão protestante foi posto em causa. Em 1714, foi nomeado controlador de Alfândega em Kirkcaldy, o porto mais importante de Fife e uma fonte considerável de receitas aduaneiras. Em 1723, ganhava cerca de 300 libras por ano, um rendimento muito substancial para os padrões da época, e fazia campanha ativa por uma promoção que o levasse novamente para Edimburgo e para o centro da política escocesa. Era um homem claramente ambicioso e bem-sucedido.

Em 1710, o pai de Adam Smith desposou Lílias Drummond, filha de Sir George Drummond of Milnab, um abastado e proeminente político de Edimburgo, um dos comissários escoceses que negociaram o Ato de União. Tiveram um filho, Hugh, uma criança enfermiça, que terá trabalhado na Alfândega de Kirkcaldy até à sua morte, em 1749 ou 1750. Lílias Smith morreu entre 1716 e 1718. Em 1720, o pai de Adam Smith casou novamente e, mais uma vez, fez um bom casamento. A sua segunda mulher, Margaret Douglas, era filha de um importante e bem relacionado proprietário de Fife, que tinha tido assento no velho Parlamento escocês. Mais uma vez, foi um casamento breve. O pai de Adam Smith morreu em janeiro de 1723, seis meses antes do nascimento do seu segundo filho, Adam. Margaret Smith não voltou a casar. O marido deixou-a financeiramente bem e ela passaria quase toda a sua longa vida em Kirkcaldy,

entre a família e os amigos, dedicando a maior parte dessa sua vida ao filho. Ele, por seu turno, passaria longas temporadas da sua vida em casa, em Kirkcaldy. Foi lá que frequentou a escola, era lá que regressava nas muitas e longas férias que tinha quando era aluno e professor em Glasgow, e foi lá que escreveu a maior parte de *A Riqueza das Nações*, entre 1767 e 1773. E quando, depois da publicação da sua obra-prima, foi nomeado comissário de Alfândega, em 1778, e teve de se mudar para Edimburgo, levou sua mãe de 84 anos com ele e instalou-se na Panmure House, em Canongate. O relacionamento com a mãe não podia ser mais chegado. Dugald Stewart recorda que a mãe de Adam Smith o tratava com «uma indulgência ilimitada; mas não provocava efeitos negativos no seu temperamento nem na sua disposição: e Adam Smith teve o raro prazer de poder retribuir todo este afeto, com toda a atenção que a gratidão filial consegue ditar, durante uns longos 60 anos»<sup>1</sup>. De facto, o conde de Buchan comentou que «os três grandes meios para chegar a Adam Smith eram a mãe, a obra e as posições políticas. Era fácil conquistá-lo através de um destes canais.»<sup>2</sup> Quando a mãe morreu, em 1784, Adam Smith disse a William Strahan, seu editor:

Embora a morte de uma pessoa aos 90 anos seja, sem dúvida, um acontecimento muito consentâneo com a Natureza; e, por isso, previsto e preparado; mesmo assim, tenho de confessar o que já disse a outras pessoas: que a separação final de uma pessoa que certamente me amou mais do que qualquer outra pessoa amou, ou irá amar; e a quem amei e respeitei certamente mais do que a qualquer outra pessoa que eu venha a amar ou respeitar, não consigo deixar de a sentir, mesmo agora, como um violento golpe desferido em cima de mim<sup>3</sup>.

A devoção de Margaret Smith foi amplamente retribuída.

Kirkcaldy fica a cerca de 15 quilómetros a norte de Edimburgo. O seu único e excelente historiador, o reverendo Thomas Fleming, deixou escrito, em 1791, que «[é] praticamente uma

rua comprida, com umas faixas estreitas, que se abre em cada uma das pontas»<sup>4</sup>. A cidade, com uma rua comprida, estreita e sinuosa com mais de três quilómetros de comprimento, e os pequenos e confusos becos e ruas estreitas que dela derivavam, era muito típica dos velhos burgos costeiros da Escócia. O estranho em Kirkcaldy era o comprimento da High Street, que lhe deu a alcunha que a cidade ainda hoje mantém – *Lang Toun*. É algo que fica a dever-se à geografia, pois a Kirkcaldy do século XVIII estava delimitada a sul pelos enormes areais das praias do estuário do rio Forth, que Thomas Fleming considerava «um passeio seguro e agradável; e no qual o viajante consegue evitar geralmente os incómodos ressaltos de um pavimento longo e irregular»; e, a norte, por uma série de socalcos marcadamente escarpados que confinavam com as propriedades de um grupo interessante e importante de famílias com as quais a família Smith mantinha um estreito relacionamento.

Kirkcaldy tinha um longo historial de povoamentos<sup>5</sup>. Diz-se que o nome deriva do *culdee* celta e há provas da existência de um povoado romano e do início do cristianismo. Em meados do século XIV, tornou-se uma cidade com alguma importância, depois de adquirir o estatuto de burgo e o direito a comercializar livremente na Escócia e no ultramar. No início do século XVI, havia um pequeno porto e a cidade crescia então como centro do comércio regional, importando mercadorias de Inglaterra, da Irlanda e dos Países Baixos em troca de produtos locais como o sal, pregos e tecido grosseiro e matérias-primas, couro, lã, arenque, salmão, carvão e madeira. Um século mais tarde, os mercadores da cidade tinham conseguido chegar a França e ao Báltico. Em 1644, o burgo tinha uma população que rondava os 4500 habitantes, uma frota com cerca de 100 navios, um sistema corporativo complexo e uma Câmara Municipal. A velha igreja de St. Bryce, que Thomas Fleming justamente descreveu como «uma enorme estaca disforme», tinha uma outra ala agregada para acomodar a crescente população da cidade. O edifício da Câmara Municipal foi ampliado em 1678 para poder incluir



a prisão, a guarda, o mercado de cereais e a casa da pesagem. A elite do burgo, em número reduzido mas francamente próspero, foi construindo casas bastante consideráveis na ponta leste da cidade. Em 1688, a declaração de rendimentos sugere que a cidade era o sexto ou sétimo burgo mais importante da Escócia e a sua reputação de porto comercial estava no seu ponto mais alto.

Mas a economia da cidade começava a enfrentar dificuldades, vítima dos acontecimentos históricos que estavam a modificar o rosto do Estado britânico. Foi ocupada e fortemente tributada pelos exércitos Realista e da Aliança durante a Guerra Civil. O comércio da cidade foi gravemente afetado pelas Guerras Holandesas da Restauração e ainda mais afetado pelas guerras no reinado de Ana e Guilherme III. Pior ainda, a cidade sofreu imenso com a União, que trouxe um aumento da concorrência inglesa, um novo foco na possibilidade de comércio com as Américas e as Caraíbas e os excepcionalmente elevados impostos sobre consumos específicos e direitos aduaneiros, de modo a que se conseguisse alinhar o sistema fiscal escocês com o sistema fiscal inglês, tarefa na qual é provável que o pai de Adam Smith se tenha envolvido intensamente. O impacto destes factos históricos na economia mercantil de Kirkcaldy foi desastroso. O número de navios registados no porto caiu de 24, em 1673, para 3, em 1760. Em 1755, a cidade tinha 2296 habitantes, pouco mais de metade do que tivera um século antes; a sua posição de centro do comércio mercantil desmoronara.

Seria, contudo, um erro pensar em Adam Smith a crescer numa cidade com uma economia em estado terminal. O seu percurso escolar, na década de 1730, coincidiu com os primeiros sinais reais de que a economia de Kirkcaldy começava a desenvolver-se num sentido completamente novo. Foi um resultado direto do crescimento da indústria do linho, que contribuiria para transformar a economia da zona leste da Escócia durante os primeiros anos da União anglo-escocesa<sup>6</sup>. Foi um empreendimento interessante para o comércio mercantil com Inglaterra

e com as colónias, para os latifundiários preocupados com o desemprego rural e com as baixas rendas e para os patriotas interessados na regeneração da economia da Escócia pós-unionista. Atraiu o interesse da grandiosa e aristocrática *The Honourable Society for Improvement in the Knowledge of Agriculture*\* (1723-c. 1745) e o patrocínio do Conselho de Administradores das Pescas e da Manufatura, uma organização não governamental do século XVIII, estabelecida em 1727 para investir os fundos de compensação que os escoceses receberam pelo desmoronamento do plano Darien, o primeiro e único exercício de colonização da Escócia. De facto, este Conselho dedicaria a maior parte do seu tempo e recursos à indústria do linho. Tal como os proprietários de Fife disseram na Convenção dos Burgos Régios, «ninguém tem mais direito do que o público a [este dinheiro] ser empregado para o propósito mencionado, visto pertencer à Escócia»<sup>7</sup>.

A produção de linho era um ramo da produção nacional essencialmente rural, dependente de caseiros, que eram levados a iniciar-se no comércio da fiação e tecelagem, e de empresários, que lhes forneciam a matéria-prima e um mercado para escoarem os seus produtos. Os proprietários de Fife desempenhariam um papel crucial no desenvolvimento da produção efetuado naquela parte do país nos princípios do século. À semelhança dos Oswald de Dunnikier, dos Adam de Maybole e dos St. Clair de Dysart, havia famílias sedeadas em Edimburgo que tinham feito fortuna com as suas profissões ou no exército e que tinham encontrado em Fife, a um preço razoável, um promissor mercado de imóveis no qual investir. Na década de 1730, estes proprietários locais tinham constituído uma verdadeira classe empresarial. Importaram fibra de linho da Holanda, de Riga e de São Petersburgo e incentivaram os rendeiros a dedicarem-se à fiação e à tecelagem, chegando a fornecer-lhes rodas e teares que pagavam do seu próprio bolso. Lançaram uma campanha

---

\* A Honorable Sociedade para a Modernização do Conhecimento sobre Agricultura . (N. da T.)

decisiva pela produção de tecidos para o mercado exportador, altamente competitivo, encorajando o recrutamento de trabalhadores qualificados e tecelões de fibra de linho vindos do estrangeiro e fazendo pressão sobre o Conselho de Administração por mais e melhores mestres na arte da estampagem como garantia de qualidade do tecido local. Na década de 1740, exportavam xadrez e tecido riscado e guardanapos para Inglaterra e para as colónias. Os Oswald, cujas propriedades confinavam com a cidade, tinham grande visibilidade neste empreendimento e arrendavam vitaliciamente, por um valor fixo (uma forma escocesa de aluguer), a maior parte das suas terras em Dunnikier, a aldeia vizinha, a comerciantes de linho e lã e a fabricantes de pregos. Em Dysart, o burgo vizinho, o general St. Clair assegurou, através da sua «população ativa e diligente», a produção de linho para o mercado nacional e inglês<sup>8</sup>. Kirkcaldy, como centro de produção e mercado, passou a ser o ponto fulcral desta atividade. Em 1739, a Câmara, certamente pressionada pelos proprietários locais, estabeleceu um mercado anual de linho na primeira quarta-feira de julho, de modo a encorajar o comércio local deste tecido<sup>9</sup>. Em 1733, a produção chegou aos 162 500 metros de linho por ano para Inglaterra e para o mercado interno; em 1743, a produção tinha praticamente duplicado e, quando Adam Smith morreu, em 1790, a produção rondava os 820 000 metros, num valor aproximado de 45 000 libras. Este facto estimulou a atividade económica da cidade. O fabrico de meias teve início em 1773, o de algodão, na década de 1780, e a construção naval em 1788<sup>10</sup>. Nesta altura, a população da cidade crescia rapidamente e o parque habitacional aumentava na mesma proporção. A cidade transformava-se, em suma, numa cidade pequena mas próspera, com um sistema comercial em expansão, pronta para receber as transformações muito maiores que iriam suceder-se durante a Revolução Industrial. Assim, temos de pensar em Adam Smith a crescer numa cidade e numa região da Escócia que atravessava uma profunda revolução provocada pela União e pelas mudanças políticas e

económicas que estavam a modificar a Europa de então. E temos de pensar na sua família como parte de uma elite proprietária de terras e profissional apostada em regenerar ou, como os contemporâneos gostavam de dizer, «melhorar» as suas propriedades e a economia local.

Na infância, a vida de Adam Smith ficou seguramente enraizada no mundo social, económico e político de Kirkcaldy e na zona sul de Fife. Muitos familiares do lado paterno trabalhavam nos serviços alfandegários. O meio-irmão, Hugh, trabalhava na Alfândega de Kirkcaldy. O primo Hercules Smith, um dos que foram apontados para seus tutores no testamento de seu pai, foi cobrador da Alfândega em Kirkcaldy antes de ser promovido a inspetor geral dos Portos Exteriores da Escócia, em 1740, com a função de gerir a cobrança de receitas aduaneiras em todos os portos escoceses de menores dimensões. Um outro primo, que também se chamava Adam Smith e que fora empregado de seu pai, viria a ser chefe da repartição de Finanças e, mais tarde, cobrador da Alfândega de Kirkcaldy. Os familiares maternos eram mais aristocratas. Os Douglas de Strathendry possuíam terrenos nos subúrbios da cidade, ao alcance das duas irmãs de Margaret Smith, casadas na burguesia de Fife. A família sempre esteve em contacto com o formidável, abastado e inteligente general St. Clair, um dos amigos e patronos de David Hume, que controlava o burgo de Dysart e grande parte da política da zona sul de Fife, e com os Ferguson de Raith, cujo bens, consideráveis e aumentados, confinavam com o burgo. Eram vizinhos chegados de uma das mais recentes interessantes famílias, os Adam de Maybole, que se tinham mudado para a região no início do século. William Adam fez fortuna como arquiteto da moda com um escritório lucrativo, atividade que conciliava com as funções igualmente lucrativas de funcionário e responsável do Armazém das Obras do Rei, na Escócia, e pedreiro no Conselho de Topografia da Escócia. Construiu a Gladden House em Kirkcaldy em 1711 e começou a adquirir grandes propriedades no Kincardineshire na década de 1730. Os dois filhos, Robert e John, viriam a ser dois

dos maiores arquitetos da Escócia e amigos de Adam Smith até ao fim da vida.

Mas não há dúvida de que a família mais importante, entre as famílias locais com terras, para o burgo e para o próprio Adam Smith, era a família Oswald de Dunnikier. À semelhança de William Adam, o capitão James Oswald era novo na zona. Comprou Dunnikier em 1703, construiu a casa de que precisava para conseguir os direitos burgueses e abrir escritório na cidade e conseguiu que o egessem presidente em 1717. Era agora o maior latifundiário da cidade e o político local mais poderoso. Atendendo à riqueza, poder e interesse da família na modernização económica, tudo indica que Oswald e respetiva família desempenharam um papel significativo na recuperação económica da cidade. Era amigo íntimo do pai de Adam Smith e foi designado seu tutor, ou tutor legal, por vontade testamentária do amigo. O filho de Oswald, também ele James Oswald, oito anos mais velho que Adam Smith, foi um dos seus maiores amigos. Este James Oswald foi um homem notável. À semelhança de Adam Smith, perdeu o pai em criança e foi educado por uma mãe formidável que, de acordo com o neto, «cultivou os talentos de James com o zelo mais dedicado e a melhor educação que a Escócia, na altura, podia proporcionar»<sup>11</sup>. Foi um proprietário progressista e um deputado muito admirado no burgo de Fife e do condado entre 1741 e 1768. De facto, era o tipo de político moderno que Adam Smith mais admirava – um homem inteligente, culto e de espírito independente, que se manteve afastado da política partidária e se aplicou a estudar a atividade negocial do governo, impressionando David Hume pelo entendimento que revelava ter de finança naval. Como um dia referiu, «a forma mais segura de uma pessoa ser notada aqui [na Câmara dos Comuns] é, com certeza, aplicando-se ao negócio, pois quem o entender fará figura»<sup>12</sup>. Oswald manteve um contacto estreito com a vida intelectual escocesa e foi outro dos grandes amigos de Adam Smith pela vida fora. Como escreveu seu filho:

É sobejamente conhecido que existiu uma amizade e um relacionamento ininterrupto entre eles durante a maior parte das suas vidas. Quando era pequeno, [o autor] lembra-se bem de ter ouvido o Dr. Smith explanar, com um prazer generoso e entusiasta, as qualidades e méritos de James Oswald; declarando com franqueza, ao mesmo tempo, a quantidade de informação que tinha retirado, sobre muitos aspetos, das opiniões abrangentes e do profundo conhecimento desse notável estadista. Nas suas frequentes conversas sobre a ciência da economia política, James Oswald utilizou o conhecimento prático e a experiência em prol das deduções teóricas de Adam Smith e proporcionou-lhe um valioso apoio nas trabalhosas investigações nas quais se envolveu durante tanto tempo<sup>13</sup>.

De facto, Dugald Stewart achava que James Oswald tivera um papel decisivo a persuadir Adam Smith para que aprofundasse os seus interesses em economia política<sup>14</sup>.

Em *A Riqueza das Nações*, Adam Smith mostrar-se-ia muito atento ao papel das pequenas cidades na formação do comércio e da cultura das regiões de um Estado comercial. Uma cidade pequena era «um mercado ou uma feira permanente» onde homens e mulheres comuns conseguiam aprender o significado do salário e do preço justo e onde, a seu tempo, conseguiam começar a apreciar verdades mais gerais sobre o significado da liberdade e da ordem<sup>15</sup>. Mas Adam Smith também reconhecia a importância dos homens prudentes, inteligentes e independentes do país na modernização económica do interior. Enquanto classe, havia menos hipóteses de se deixarem corromper por uma grande riqueza ou pobreza ou pelo «miserável espírito de monopólio» que Adam Smith considerava um cancro que ameaçava a saúde económica, política e moral da maior parte dos Estados modernos<sup>16</sup>. É difícil acompanhar o seu pensamento sobre o progresso da sociedade num Estado comercial sem pensar em Kirkcaldy e em Fife e nas atividades de forasteiros enérgicos e ambiciosos com os Oswald, os St. Clair e os

Adam; e, embora nunca a tenha utilizado explicitamente para «exemplificar» a sua teoria do progresso, a experiência de Fife foi, mesmo assim, notavelmente apropriada.

Tudo aponta para que Adam Smith tenha sido uma criança doente e alguma confusão em relação à data do seu nascimento resulta do facto de ter sido batizado no dia em que nasceu – uma prática muito comum quando não se esperava que as crianças vingassem. Cresceu em casa de sua mãe, que, diz-se, ficava em Rose Street, no moderno bairro oeste de High Street, não distante dos Adam, na Gladney House, e dos Oswald, em Dunnikier, e aproximadamente a uns meros 11 quilómetros, mais ou menos, da casa do tio materno, em Strathendry. De facto, foi em Strathendry que Adam Smith deu os primeiros sinais de vida biográfica, num episódio à época curiosamente sugestivo, quando foi raptado por uma mulher nómada e resgatado pelo tio; a ser verdade, terá ajudado a alicerçar a relação extraordinariamente chegada que este adoentado filho único teve com a sua mãe viúva. Ao contrário do seu meio-irmão Hugh, que foi interno numa escola, em Perth, Adam Smith frequentou a escola local, em Hill Street, muito perto da casa de sua mãe pelo caminho que atravessava o mercado local. Era, sem dúvida, um mercado essencialmente medieval, cheio de restrições corporativistas e pensado para proteger os comerciantes locais da concorrência indesejável dos forasteiros. Apesar de tudo, Adam Smith terá crescido a ver aquilo a que famosamente chamou o «regatear e o negociar do mercado», o que, para ele, seria uma forma de relacionamento social tão natural como uma conversa e uma das formas de intercâmbio social de que dependia a sociabilidade e a sociedade<sup>17</sup>.

Adam Smith frequentou a escola local de 1731, ou 1732, até 1737, um momento marcante na história. A escola sofrera uma transformação em 1724, resultante da nomeação de David Miller, o novo professor. David Miller era um professor altamente bem-sucedido da escola de Cupar e, no início, mostrou-se relutante em mudar<sup>18</sup>. Não se conhece bem o que o possa ter feito

mudar de ideias, embora a formidável Lady Oswald possa ter tido, quase de certeza, alguma coisa a ver com isso; afinal, tinha o filho James para educar e uma posição familiar no burgo para manter. Talvez tenha pressionado a Câmara para que lhe aumentasse o salário, ou o mais provável é ter-se oferecido para pagar os honorários de tutor a David Miller para que desse aulas particulares ao seu filho. Seja como for, David Miller lançou-se à tarefa de reorganizar a escola com uma energia considerável. A Câmara deu autorização para que se construísse uma nova escola e para que se aumentasse o vencimento para 2 *shillings* e 6 *pence* por trimestre, embora tenha sido dito a David Miller para «considerar a necessidade de não se poder pagar meia coroa»<sup>19</sup>. Também concordou com as propostas de David Miller em relação a um novo currículo. A escola oferecia uma formação clássica assente na tradução e exposição que permitissem «exercitar as opiniões [dos alunos], que os ensinassem gradualmente a soletrar corretamente e a escrever com uma boa escrita [caligrafia], com bom senso e com correção linguística»<sup>20</sup>. David Miller era um bom classicista e Ian Ross teria seguramente razão quando sugeriu que Adam Smith tinha saído da escola, em 1737, bem versado em autores clássicos; certamente que sabia latim e grego suficientemente bem para ser dispensado do currículo do primeiro ano da Universidade de Glasgow, largamente dedicado a uma formação clássica remediada. Sobreviveram exemplares de dois manuais de História que David Miller utilizava. O primeiro, *De Historiis Philippicis*, de Pompeu Trogo, era uma conhecida introdução à História da Antiguidade, muito utilizada como fonte de episódios exemplares sobre liderança militar e política prudente. O segundo, *Historiae Romanae Breviarum*, de Eutrópio, com a anotação «Adam Smith, 4 de maio de 1733» com aquela letra larga, vagarosa e cuidada que nunca mudaria, era da autoria de um senador que viveu na época do imperador Juliano. A história da ascensão e progresso do Império Romano era contada como uma história de guerras e conquistas, a demonstrar a dignidade da guerra e a vergonha de se



conseguir a paz sem honra. Era um texto particularmente apropriado para rapazes de uma época militarista<sup>21</sup>.

Contudo, o vislumbre mais surpreendente sobre a natureza do ensino de David Miller encontra-se num registo contemporâneo acerca do modo como utilizava o teatro como veículo da educação cívica. Tratava-se de uma técnica humanista relativamente comum nas escolas mais vanguardistas da zona centro da Escócia. Em 1734, o Liceu de Dalkeith levou à cena *Júlio César* e uma comédia de Esopo e, num registo ainda mais aventureiro, apresentou a encantadora pastoral escocesa de Allan Ramsay, *O Gentil Pastor*. A escola secundária de Perth apresentou e, quase em simultâneo, David Miller escreveu e levou à cena uma peça de teatro sua, *O Catão*, de Joseph Addison. Em 1734, ainda Adam Smith andava na escola, intitulava-se «The Royal Command for Advice: or the regular education of boys the foundation of all other national improvements»\*. Supõe-se ter retratado a atividade de um conselho de 12 senadores que debatia petições de um comerciante, de um agricultor, de um cavaleiro, de um nobre, de dois mestres-escola e, por último, «de um cavaleiro que saudava e felicitava o conselho pelo nobre desígnio e digna representação»<sup>22</sup>. Era claramente uma peça que dava protagonismo a funcionários de craveira média em detrimento de reis e nobres e que mostrava as rotinas do governo em vez da alta política. Curiosamente, para os rapazes parecia tão normal representar os peticionários como os senadores. Neste sentido, era uma admirável estratégia para dar aos filhos dos liberais cavaleiros empreendedores do Partido Whig uma noção sobre a vida pública normal. Não é de admirar que a imprensa tenha anunciado que a representação, «segundo se disse, deu uma grande satisfação ao público».

Tudo no sofisticado currículo politicamente correto de David Miller aponta para que, eticamente, o cerne do seu ensino fosse

---

\* «O Comando Real dos Conselhos ou a educação regular de rapazes como fundamento de todos os outros progressos nacionais». (N. da T.)

bem sólido; os textos utilizados em escolas igualmente vanguardistas do país sugerem que terá sido ele a apresentar Adam Smith aos moralistas clássicos e aos seus admiradores modernos. O padrão do modelo clássico deste tipo teria incluído *Enchiridion*, de Epicteto, e *Dos Deveres*, de Cícero e, muito provavelmente, os ensaios de Addison e Steele na *Spectator*<sup>23</sup>. Pensa-se que o exemplar de Adam Smith, assinado, mas sem data, da edição de 1670 de *Enchiridion*, encadernado com *Taboa* de Cebes Thebano, terá sido comprado quando andava na universidade, embora também pudesse ter sido adquirido um ou dois anos antes, quando estava em Kirkcaldy<sup>24</sup>. E, mesmo que David Miller não utilizasse a *Spectator* nas aulas, podemos estar certos de que terá lido em casa a edição que pertencera ao seu pai<sup>25</sup>. As reflexões estéticas e éticas e as fábulas morais, encantadoras e intelectualmente estimulantes, faziam parte do consumo literário básico das famílias da classe média. Estes textos oferecem uma perspetiva estoica do mundo, e, no caso de Cícero e Addison, semiestoica, que convida os mais novos a pensarem nos deveres próprios, tanto para com os seus concidadãos como para com o divino. Aprenderam a conciliar interesses privados e públicos. Aprenderam a compreender e a aproveitar a paz de espírito e o sentido de dignidade decorrente da noção de que é possível ter uma vida social ativa consentânea com o próprio e com os outros. Acima de tudo, ensinaram aos mais novos o valor da Filosofia para a vida pública e o valor da vida pública para a Filosofia. Estas questões, de um ponto de vista ético e sociológico, despertariam o interesse de Adam Smith para o resto da vida. Se realmente lhe deu a conhecer estes clássicos, David Miller tem de ser visto como uma influência fundamental no seu desenvolvimento intelectual.

Estes autores proporcionaram a Adam Smith um modo de olhar para o mundo moral e uma linguagem para discutir os problemas relacionados com aprender a viver nele. O *Enchiridion* há muito que era visto como uma valiosa cartilha ética para alunos inteligentes e oriundos de boas famílias. Foi um dos textos

fundadores da ética dos estoicos. Epicteto foi escravo e escreveu para aqueles que receavam deixar-se escravizar pelas paixões e vitimizar-se por circunstâncias que não conseguiam controlar – uma situação com a qual muitos alunos facilmente se identificavam. Ensinou gerações de alunos a pensar na liberdade como numa questão de aprendizagem das capacidades de autodomínio, significando isso a capacidade de distinguir os aspetos da vida que podem e não podem ser controlados. «Não decidimos sobre o corpo, os bens, a reputação, os cargos, nem, numa palavra, sobre aquilo que escapa à nossa intervenção», observou Epicteto ao comentar que estas coisas eram *indifferentia*, coisas para aguentar e esquecer. Para além disso, paixões, opiniões, julgamentos «e, numa palavra, aquilo que está incluído na nossa intervenção» são coisas que conseguimos controlar, fontes de energia moral que conseguimos regular e dominar com a ajuda da capacidade intelectual e da razão. De facto, só quando a razão consegue controlar as paixões é que conseguimos viver racionalmente, de acordo com a natureza e a divindade<sup>26</sup>. Mas aprender a capacidade de autodomínio não é nada fácil. Significa cultivar um distanciamento filosófico do mundo e das suas ligações, desapontamentos e ressentimentos efémeros. Significa aprender a olhar para além da *indifferentia*, para os sinais de ordem e os modelos que o mundo moral e o mundo natural proporcionam. Acima de tudo, significa cultivar um amor pelo seu benevolente Criador. Só então é que o estoico promissor começa a sentir, em simultâneo, com a Natureza e a experiência esse estado de *apathaeia* que só se consegue alcançar quando a mente e a razão estabelecem o seu domínio sobre o corpo e as paixões. Nestas circunstâncias, poderá ser livre. Como afirma Epicteto, «Ânito e Meleto podem matar-me, mas não me podem fazer mal»<sup>27</sup>. Epicteto demonstrou a forma como um jovem ansioso e com uma mente virtuosa consegue aprender «a representar bem o papel que lhe é entregue», numa peça escrita e encenada por outros. Mas aprender a representar bem significa aprender a ser espetador das obras do grande autor da Natureza

e não [ser] apenas espectador, mas intérprete delas. É, pois, vergonhoso que um homem comece e acabe como uma criatura irracional. Deveria antes começar aqui, mas acabar no sítio que lhe foi atribuído pela Natureza; isto é, em contemplação e em entendimento e com uma forma de vida em harmonia com a Natureza. Cuidado, pois, para não morrerem sem jamais terem sido espectadores destas coisas.<sup>28</sup>

Ao aprender a ser espectador, um estoico conquistava a sua liberdade.

Esta imagem de agente moral confrontado com o problema de aprender a distanciar-se das incertezas e dos ressentimentos da vida quotidiana, de aprender a cultivar as competências morais e intelectuais necessárias a uma vida racional, em que estivesse bem consigo e com o mundo, atrairia profundamente Adam Smith. Estes homens não só eram felizes e virtuosos como também podiam ser mais sociáveis e eficientes. É certo que considerou o sistema de Epicteto excessivamente severo e achou que tinha posto um excesso de fé no valor ético da contemplação, mas entendeu que isso se devia ao facto de Epicteto ter crescido numa sociedade escravagista, quase bárbara. Adam Smith admirou e explorou o espírito da ética de Epicteto com um propósito ético e sociológico. Defendia que dominar desapontamentos e ressentimentos era uma capacidade nossa da qual dependia, em última análise, a sociabilidade de cada indivíduo. E estava convencido de que ser capaz de sentir que «por muito desagradável que as coisas pudessem ser no exterior, tudo ficava calmo e em paz e concórdia no interior» era um sinal de verdadeira sociabilidade<sup>29</sup>.

Adam Smith deve ter aprendido, desde muito cedo, que os sistemas éticos têm de ser adaptados às necessidades de diferentes pessoas e lugares. Terá tomado, certamente, conhecimento, ao mesmo tempo, da ética de Cícero e da de Epicteto e terá aprendido de que modo Cícero adaptou a ética do escravo grego às necessidades dos cidadãos livres da república romana. Cícero